

DA PRESSA AO ENCONTRO: INVENÇÃO DO CUIDADO EM SAÚDE MENTAL NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE

Saúde Mental; Atenção Primária à Saúde; Psicologia

Introdução

No trabalho em saúde, a pressa e a assepsia frequentemente orientam as práticas de cuidado, limitando a temporalidade da escuta, da afetação e do encontro. Herdeiro da racionalidade biomédica, esse modo de cuidar mostra-se insuficiente para responder à complexidade das experiências de vida dos sujeitos e dos processos de sofrimento que as atravessam. Nesse sentido, a Psicologia, ao apontar para um modo de escutar o sofrimento, direciona-se ao encontro, ao vínculo e sublinha o sujeito que experiencia o adoecimento. É o sujeito em sofrimento, e não o sofrimento do sujeito, que ganha relevância no trabalho de cuidado. Disputar modos de cuidar, atentos ao encontro e ao sensível, implica tensionar os modos de produção do trabalho em saúde. Desse modo, como sustentar um cuidado em saúde mental que se constitua como um ato de invenção? A partir desse questionamento, este trabalho propõe refletir sobre os modos de cuidado na Atenção Primária à Saúde (APS), tomando como campo de análise a experiência de três psicólogas residentes de um programa de residência multiprofissional.

Métodos

Trata-se de um trabalho de orientação cartográfica, desenvolvido a partir da participação observante de psicólogas residentes em serviços de saúde da APS. As análises foram produzidas por meio dos registros de experiência, posteriormente articulados a uma revisão narrativa da literatura, mediante o diálogo entre o campo da Psicologia, em interface com a Clínica Ampliada e a Análise Institucional.

Resultados / Discussão

A experiência na APS tem demonstrado que a atuação da Psicologia é tensionada por demandas institucionais, sobretudo no campo da saúde mental, marcado pela exigência de respostas aceleradas a sofrimentos complexos. Nesse contexto, prevalecem triagens, encaminhamentos e a organização do fluxo da rede, reduzindo o trabalho a funções burocráticas. Assim, buscamos fazer uma digressão para situar as possíveis transformações da identidade profissional na APS, sustentando uma prática inventiva, territorializada e desinstitucionalizante. Inspiradas na figura do narrador sucateiro, apresentada por Jeanne Marie Gagnebin a partir de Walter Benjamin, voltamos a atenção aos fragmentos de experiência invisibilizados, que resistem a ser reduzidos ao diagnóstico. Essa perspectiva articula-se às tecnologias leves de Emerson Merhy, centradas no vínculo, na escuta e no acolhimento, bem como à ética da Redução de Danos e ao dispositivo do Acompanhamento Terapêutico, que afirmam o cuidado em saúde como ampliação das possibilidades de relação dos sujeitos com o mundo. Assim, o ralento do cuidado constitui uma postura ética frente à lógica da urgência e da produtividade, valorizando outra temporalidade para a Psicologia na APS.

Considerações Finais

Esses artifícios fortalecem a possibilidade de invenção da identidade profissional da Psicologia como agente de produção de saúde, e não apenas como executora de fluxos institucionais. Mais do que responder imediatamente às demandas institucionais, trata-se de sustentar encontros capazes de produzir vínculos, ampliar possibilidades de existência e inventar modos de cuidado comprometidos com a vida.

Referência Bibliográfica

BAREMBLITT, G. Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Referências Técnicas para Atuação de Psicólogos(os) na Atenção Básica à Saúde. 2. ed. Brasília: CFP, 2019. GAGNEBIN, J. M. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006. MERHY, E. E. Saúde: a cartografia do trabalho vivo. São Paulo: Hucitec, 2002. SLOMP JUNIOR, H. et al. Slow care: a redução de danos como estratégia para ralento o cuidado. Ciência & Saúde Coletiva, v. 30, n. 2, p. e12012023, 2025.